



Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

Natal, Jubileu e Janeiras!

26/12/2024

Amigos:

O Papa Francisco inaugurou solenemente o Jubileu 2025 na noite de Natal.

Em todas as dioceses do mundo, nas respectivas catedrais, o Jubileu é inaugurado no próximo Domingo dia 29.

Nas **Igrejas Jubilares** da nossa Diocese (**a nossa é uma delas**) será no dia **5 de Janeiro**.

Nesse Domingo, dia 5 de Janeiro, a inauguração, com um programa que podereis encontrar no site da paróquia, **terminará com missa às 18h**, presidida pelo Sr Bispo Auxiliar **D. Alexandre Palma**.

Não haverá missa às 19h!!!

Nesse mesmo dia vamos cantar as Janeiras durante a manhã à porta da Igreja, no final das missas (cantaremos das 9.30h às 10.15h; das 11.15h às 11.45h; e das 12.45h às 13.30h)

Quem quiser participar deverá entrar em contacto com a Inês Duarte (inesfalcaoduarte@gmail.com ou 910213941) indicando o(s) horário(s) em que poderá participar.

A Inês responderá a todos **enviando a gravação das músicas** que vamos cantar e os acordes das mesmas para os que quiserem tocar qualquer instrumento.

E assim **dispensamos ensaios** (são músicas simples e fáceis de aprender...)

Envio-vos em anexo uma reflexão sobre este tempo do Natal!

Continuação de Santo Natal e um Bom Ano Novo!

Abraço amigo a todos!

NATAL

Estamos tão habituados ao Natal, o Natal já faz tão parte de nós, que é relativamente fácil vivê-lo superficialmente, sem nos darmos conta da verdadeira grandeza do mistério que celebramos.

E, conseqüentemente, sem retirarmos da vivência do Natal tudo aquilo a que Deus nos desafia hoje.

O Natal acorda o que em nós há de melhor.

E isso é bom!

Preocupamo-nos mais com os outros, estamos mais sensíveis às suas necessidades, somos por natureza mais generosos, e não nos deixamos acomodar tanto na indiferença...

Envolvemo-nos mais em iniciativas de solidariedade e sofremos mais com as injustiças a que tantos irmãos nossos estão sujeitos.

Não conseguimos desviar o pensamento (e o olhar) dos horrores da violência e da guerra e dói-nos muito o cinismo e o calculismo com que os que nos governam e governam o mundo lidam com estas realidades...

Aprendemos também a valorizar mais a qualidade das nossas relações com os outros, porque percebemos que isso é afinal o mais importante do que somos e do que queremos ser: damos mais atenção à família, valorizamos o convívio e a fraternidade, aproximamo-nos dos amigos que hoje fazem parte da nossa história e lembramo-nos de todos os outros amigos de que tantas vezes nos esquecemos...

Tudo isto é muito bom.

Mas ficar por aqui é ficar a meio caminho do Natal!

Porque a razão primeira de toda esta Festa que queremos fazer no Natal, mesmo quando a fé já não é o mais importante para muitos de nós, é aquela que os que nestes dias participam numa celebração religiosa ouvem em tantos dos cânticos litúrgicos próprios desta época: é a "*alegria porque nasceu Jesus*" ...

Ficamos a meio caminho do Natal quando Jesus não está no centro da nossa Festa! Ficamos a meio caminho do Natal da mesma maneira que a maior parte dos contemporâneos de Jesus.

Foram multidões os que se entusiasmaram com Jesus, com o que Ele dizia e com os milagres, sinais, que Ele realizava e despertava neles a esperança de que algo mudasse radicalmente a sua vida.

Mas quando Jesus lhes começou a explicar, também por palavras e obras, que o segredo daquela novidade de Vida que os atraía n'Ele era a sua condição divina, o facto de ser Ele mesmo Deus no meio de nós, começaram a deixá-l'O da mão porque não eram, de maneira nenhuma, capazes de O entender.

Não tinham sequer categorias mentais para assimilar o que, aos seus olhos, era uma verdadeira loucura...

É essa “loucura” que fez com que, no fim dos seus pouco mais de dois anos de vida pública, Jesus fosse crucificado.

É essa “loucura” que faz com que cada um de nós O deixe muitas vezes de O seguir desistindo de fazer nosso o Seu caminho...

É essa “loucura” que fez com que fosse rejeitado e, simbolicamente já ignorado no seu nascimento, por “*não haver lugar para Ele na hospedaria*”...

Não foi por mal.

Simplesmente não havia lugar para Ele no quotidiano de vidas, umas vezes entretidas, outra vezes atropeladas e corridas, em que cada um vê o mundo com os seus olhos pequenos ou, pior do que isso, pensa quase sempre primeiro em si (ou, quando muito, naqueles a que o ligam laços de sangue ou de amizade ...).

Esta é a explicação simples do que São João nos diz no prólogo do evangelho que ouvimos no dia de Natal: “*veio para o que era seu, mas os seus não O receberam*”.

Mas São João acrescenta que “*àqueles que O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*”.

Estas palavras abrem-nos para a compreensão da razão de ser da vinda de Deus ao meio de nós, em Jesus: veio “*para que tivéssemos a Vida e a tivéssemos em abundância*”, veio para nos levar com Ele para o Coração do Pai, veio para completar em nós a obra começada na criação, porque Deus não descansa, não desiste e não deixa nunca de nos interpelar, enquanto cada um de nós não for aquilo que Ele sonhou que havíamos de ser quando pensou em nós, quando nos criou...

Só quem ama é capaz de fazer tanto como o que Deus faz por nós: assumir a nossa condição humana, fazer-se inimaginavelmente próximo de cada um. E dar a vida por nós sem qualquer hesitação!...

O verdadeiro Amor, o Amor de Deus, na nossa condição humana é sempre um Amor crucificado. E é esse Amor que Jesus quer partilhar connosco quando nos diz: “*Segue-Me*”. Não há outro amor!

Esta leitura da vida que a fé nos propõe não é uma fantasia nossa.

Não é nada que tenhamos inventado para nos “adormecer” e sossegar tornando mais aceitável a dureza que marca tantas vezes a nossa condição humana.

Numa época em que muitos escolhem viver mais de opiniões e ideias feitas do que de factos, é muito importante percebermos que a nossa fé radica na história.

É acontecimento, que não depende dos nossos humores, das nossas capacidades de o entender, do que sentimos ou não...

Jesus Cristo é acontecimento da história, testemunhado não só pelas fontes cristãs, mas também pelos autores romanos da época.

Essa é também a importância das palavras com que começa o Evangelho da noite de Natal: *“Naqueles dias, saiu um decreto de César Augusto, para ser recenseada toda a terra. Este primeiro recenseamento efectuou-se quando Quirino era governador da Síria.”*

Ou, ainda mais, das palavras de São João no prólogo do dia de Natal: *“Nós vimos a sua glória”*.

Só há verdadeiro Natal para cada um de nós, nesta época do ano ou noutra época qualquer, quando, finalmente, também já somos capazes de dizer com verdade *“Nós vimos a sua glória”*!.